

DEMOÇÃO DE FIDELIDADE NA EVOLUÇÃO DO PORTUGUÊS: UMA ABORDAGEM BASEADA EM RESTRIÇÕES

Dermeval da HORA
Universidade Federal da Paraíba / CNPq

Rubens Marques de LUCENA
Universidade Estadual da Paraíba

RESUMO

Um problema que a fonologia gerativa clássica nunca foi capaz de resolver de forma satisfatória diz respeito à tendência de fenômenos aparentemente distintos buscarem uma direção ou objetivo comum. No caso da evolução da Língua Portuguesa, parece possível propor a existência de uma conspiração (Kisseberth, 1970) de determinados fenômenos (nomeadamente a queda das geminadas, maior restrição a coda silábica e simplificação de grupos consonantais) na direção de padrões silábicos não marcados. Esta hipótese torna-se viável, neste artigo, ao se lançar mão da Teoria da Otimalidade (Prince & Smolensky, 1993; McCarthy & Prince, 1993, 1995), tomando por base a hipótese de que as mudanças históricas são vistas como uma modificação na hierarquia de restrições. Observou-se que, em todos os fenômenos analisados, houve uma demoção da restrição de fidelidade MAX-IO na hierarquia de restrições, ocasionando uma reestruturação da língua e simplificando certas estruturas silábicas.

ABSTRACT

Standard generative phonology has never been able to satisfactorily solve the problem concerning the tendency of apparently distinct phenomena to develop towards a common goal or direction. As for the evolution of the Portuguese language, it seems plausible to propose the existence of a conspiracy (Kisseberth, 1970) of certain phenomena (namely the deletion of geminates, coda restriction and cluster simplification) in the direction of unmarked syllable patterns. This hypothesis can be raised in this article if Optimality Theory is taken into account (Prince & Smolensky, 1993; McCarthy & Prince, 1993, 1995), assuming that historical changes are seen as a reranking of constraints. It has been observed throughout the analyzed phenomena that there has been a demotion of MAX-IO, a faithfulness constraint, causing a re-arranging of the language and, as a result, the simplification of certain syllable structures.

PALAVRAS-CHAVE

fonologia histórica, conspiração, demoção, teoria da otimalidade.

KEY WORDS

historical phonology, conspiracy, demotion, optimality theory.

Introdução

Gilberto Freyre, talvez o maior antropólogo brasileiro, escreveu, certa vez, que o Português do Brasil tem uma das falas mais doces do mundo. Sem “RR” ou “SS”, escreve ele (1990, p. 331), e com as sílabas finais moles, as palavras só faltam se desmanchar na boca. Essa visão poética de Freyre a respeito do Português Brasileiro (PB) parece ser o resultado da percepção de uma língua que evita as sílabas travadas e que prima por padrões silábicos não marcados, muitas vezes mais melódicos. Neste trabalho, é aventada a hipótese de que existe um processo no Português Brasileiro (PB) que o direciona para a simplificação de estruturas silábicas, possibilitando um falar mais doce, como bem colocou Gilberto Freyre.

Alguns fenômenos históricos que ocorreram na Língua Portuguesa e certos fenômenos sincrônicos característicos de sua variante brasileira parecem atestar uma conspiração (Kisseberth, 1970; Crist, 2001) de fenômenos na direção de sua simplificação silábica ou uma aversão desta língua por sílabas travadas. Evidências históricas surgem em transformações como *poenna* > *pena*; *pluvia* > *šuva*; *dat* > *dá*. A supressão de segmentos foi um fenômeno bastante freqüente na transição do Latim para o Português, o que produziu, na maior parte dos casos, sílabas abertas.

Alguns argumentos sincrônicos também parecem suficientes para que se proponha a idéia da conspiração por estruturas silábicas não marcadas, como em *peixe* > *pexe*; *jovem* > *jóvi*; *comer* > *comê*.

Câmara Jr. (1997, p. 26) já afirmava que a Língua Portuguesa se caracteriza por uma grande predominância de sílabas livres ou abertas:

“sílabas travadas ou fechadas são muito menos freqüentes e com uma limitação muito grande das consoantes que podem figurar no aclave, isto é, como decrescentes”. É justamente este o objeto de estudo deste artigo: a tendência do PB em primar por estruturas silábicas não marcadas.

Neste trabalho, será mostrado que várias mudanças ocorridas na Língua Portuguesa e outras que estão por acontecer podem ser atribuídas às diferentes hierarquias de um número limitado de restrições. Observar-se-á que a história do Português pode ser vista como uma série de estágios, exibindo, cada um deles, uma hierarquia de restrições diferenciada. Leves mudanças no posicionamento destas restrições provocariam variação na estrutura silábica e nas formas fonéticas e fonológicas do Português.

Alguns fenômenos diacrônicos e sincrônicos da Língua Portuguesa parecem caminhar na direção da simplificação da estrutura silábica da língua. Estes fenômenos, aparentemente diferentes entre si, demonstram possuir, no entanto, um traço em comum: em todos eles, a simplificação é resultado de um mesmo processo – a demoção da restrição de fidelidade MAX-IO. Para entender esta hipótese, porém, faz-se necessário deixar claro o que se entende por conspiração.

1. A idéia de conspiração

A idéia de conspiração não é nova dentro da ciência lingüística. De fato, ela já surge nos primeiros escritos de Jakobson (1929), já no final da década de 1920, que discutia a conspiração pela sílaba aberta no Eslavônio. Jakobson acreditava que algumas regras diacrônicas, aplicadas ao longo dos séculos, tinham uma aparente direcionalidade ou objetivo; no caso em questão, a eliminação das codas silábicas.

No entanto, o entendimento mais sistemático do fenômeno conspiratório se dá com o texto de Kisseberth (1970). Nesse trabalho, ele observou que várias regras fonológicas em Yawelmâni, uma língua extinta falada por índios da Califórnia, possuem um propósito semelhante: elas eliminam ou deixam de criar seqüências de três consoantes adjacentes (do tipo CCC). Kisseberth (1970, p. 291) afirmava que para a teoria

gerativa padrão, a conspiração era um sério problema, pois não havia um mecanismo para fazer conexões entre as diversas regras que coexistiam na gramática das línguas.

A Teoria da Otimalidade (TO) (Prince & Smolensky, 1993; McCarthy & Prince, 1993; McCarthy & Prince, 1995), como se verá mais adiante, em virtude de seu caráter inerentemente iterativo, dá conta mais satisfatoriamente desse aspecto particular da conspiração. McCarthy (2002, p. 93) afirma que a mesma configuração do *output* pode ser alcançada de diferentes maneiras entre as diferentes línguas e até mesmo dentro de uma mesma língua. O autor chama esta propriedade da TO de *homonegeidade do alvo/heterogeneidade do processo*, isto é, ele defende que existem diversas maneiras de se atingir o mesmo objetivo dentro das línguas. Dentro da Teoria da Otimalidade, o conjunto da gramática – no caso em questão, o conjunto da fonologia da língua, – consiste de uma hierarquização das restrições. Isto significa que não existem processos isolados. Todos os processos interagem potencialmente entre si. A situação na TO, desta forma, é diferente da teoria gerativa padrão, em que cada regra é completamente autônoma das demais.

Crist (2001) defende a idéia de conspiração na fonologia histórica por intermédio de três línguas distintas: o grego, o germânico ocidental e o Eslavônio. Para o grego, Crist (2001, p. 34) apresenta as seguintes regras que culminaram na eliminação do /j/:

(1)

- *-anj- > -ain- (através de metátese)
- *-onj- > -oin- (através de metátese)
- *-unj- > -u:n- (através de apagamento e alongamento compensatório)
- *-enj- > -e:n- (através de apagamento e alongamento compensatório)
- *-inj- > -i:n- (através de metátese ou apagamento e alongamento compensatório)
- *-lj- > -ll- (através de geminação)

Por meio das regras em (1), o autor acredita que diferentes processos (metátese, apagamento e alongamento compensatório, geminação) resultaram em um objetivo comum: a eliminação de /j/.

Para o germânico ocidental, Crist (2001, p. 88-144) utiliza-se de algumas regras que culminaram com o desaparecimento de fricativas sonoras naquela língua. Assim:

(2)

$*/z/ > \emptyset$ (através do apagamento total)

$*zw, *dw > *ww$ (através de assimilação)

$*/\beta/, /y/ > /x/$ (através de assimilação)

Em (2), a heterogeneidade do processo (apagamento e assimilação) resultou em uma homogeneidade do alvo (eliminação de fricativas sonoras na língua), o que corrobora a hipótese de conspiração sustentada pelo autor.

Por fim, Crist ainda traz evidências do Eslavônio, em que diferentes regras conspiram na direção de sílabas abertas. Segundo o autor (2001, p. 149), a partir de um determinado ponto na história, o Eslavônio sofreu uma série de mudanças sonoras cujo efeito cumulativo foi essencialmente eliminar codas silábicas. Este processo foi o resultado de apagamentos, metáteses e coalescências. Em (3), são apresentadas as regras utilizadas na análise de Crist (2001, p. 150):

(3)

Apagamento de nasais em posição final de palavra e após vogais curtas;

Apagamento de $*-t, *-d$ em posição final de palavra;

Apagamento da primeira consoante nos grupos obstruinte + fricativa e obstruinte + obstruinte;

Apagamento de $*s, *x$ finais

Monotongação dos ditongos $*Vj$ e $*Vw$, tais como: $*ai > \ddot{e}$, $*ei > \bar{i}$,

$*au > u$; $eu > u$;

Apagamento de codas nasais;

Eliminação dos grupos $*tl, *dl$.

O autor novamente atesta, por meio de dados históricos, a hipótese de que existe uma conspiração, no Eslovênio, para reduzir a estrutura silábica para o padrão não marcado, isto é, com sílaba aberta.

Embora se reconheça a possibilidade da aplicação da idéia de conspiração exposta acima a fenômenos diacrônicos e sincrônicos na Língua Portuguesa, aqui serão tratados apenas os diacrônicos. Assim posto, serão analisados: o apagamento das consoantes geminadas na evolução do Latim para o Português; a maior restrição a coda silábica; e a redução de alguns grupos consonantais latinos.

Em todos os processos citados acima, existe um denominador comum: todos produzem uma simplificação da estrutura silábica e todos eles vêm à tona como o resultado da demoção de uma restrição de fidelidade denominada MAX-IO.

Será demonstrado nas próximas seções como o PB parece ter uma tendência (ou uma conspiração, como será explicado mais adiante) a um movimento para adequar sua estrutura silábica a padrões não marcados. Os fenômenos de reestruturação silábica analisados neste trabalho são:

- a) CC > C → no caso da eliminação das consoantes geminadas do Latim para o Português, como em *anno* > *ano*;
- b) CVC > CV → no caso da maior restrição à coda silábica do Português. O Português eliminou quase todas as possibilidades de ocorrência de coda silábica, como em *caput* > *cabo*. Também é possível observar em fenômenos sincrônicos como *brincar* > *brincá*.
- c) CCV > CV → no caso da eliminação de vários grupos consonantais latinos que desapareceram no Português, como em *clave* > *šave*.

2. Evidências diacrônicas da conspiração de processos

Já nos primeiros trabalhos da TO, Prince & Smolensky (1993, p. 93) discutem a taxonomia de Jakobson dos tipos silábicos e mostram que os tipos de sílaba observados nas línguas humanas correspondem às possíveis

permutas no ranqueamento das restrições ONSET, -COD, PARSE e FILL (nos trabalhos mais recentes, ONSET, NoCODA, MAX-IO e DEP-IO). Assim, uma língua em que a restrição NoCODA é ranqueada em uma posição baixa na hierarquia permite codas silábicas opcionais; porém, se NoCODA domina MAX-IO ou DEP-IO, as codas são eliminadas com apagamento das consoantes ou com epêntese de um núcleo silábico seguinte.

Seguindo esta linha de raciocínio, seria razoável propor que as mudanças fonológicas históricas correspondessem a uma re-hierarquização das restrições, o que produziria uma constante mudança nas formas lingüísticas. Assim, admitindo diferentes estágios diacrônicos de uma mesma língua, seria possível encontrar, em um primeiro momento, codas silábicas (quando NoCODA estivesse ranqueada abaixo na hierarquia) e, alguns séculos depois, a língua passar a ser mais restrita com relação a esta posição silábica, tendo em vista que NoCODA tenha subido de posição no ordenamento das restrições. De fato, a TO permite o entendimento de que o mecanismo da mudança lingüística opera por intermédio do re-ranqueamento de restrições em conflito. É esta a hipótese adotada aqui.

Embora se saiba que a variação é um estágio anterior à mudança (Labov, 1966), não há como capturar essa variação na diacronia. Desta forma, os tableaux mostrados neste trabalho refletem estágios históricos estanques, baseados nos estudos de Williams (1961), Said Ali (1965), Lausberg (1981), Mattos e Silva (1996) e Teyssier (2001).

Além de entender as mudanças históricas como um reordenamento de restrições, parte-se também da hipótese de que alguns processos históricos, aparentemente distintos (e tratados anteriormente de maneira separada e desconexa), parecem atingir um objetivo comum, por meio da remoção de uma restrição de fidelidade. Neste artigo, serão analisados três processos diferentes (mas com desdobramentos semelhantes) que simplificam a estrutura silábica na evolução do Latim para o Português. Os processos analisados são: a) o desaparecimento das consoantes geminadas; b) a maior restrição a coda silábica; e c) a redução de alguns grupos consonantais.

3. Desaparecimento de consoantes geminadas


Este artigo parte da hipótese, sustentada por Holt (1997, p. 41), de que o desaparecimento das consoantes geminadas do Latim Clássico ocorreu como consequência da perda de contraste entre vogais curtas e longas. Teyssier (2001, p. 9) afirma que o Latim Clássico possuía cinco timbres vocálicos, com uma vogal breve e uma longa para cada timbre, o que perfazia um total de 10 fonemas vocálicos (ă, ā, ě, ē, ĭ, î, ō, ŏ, ŭ, ū). Com o passar do tempo, a língua foi perdendo as oposições de quantidade, mas conservou as oposições de timbre, o que resultou em um inventário vocálico de 7 fonemas, ainda conservado, com certas modificações, na Língua Portuguesa. Isto deve ter ocorrido ainda nos primórdios de nossa era, como atestam algumas inscrições encontradas em Pompéia (Holt, 1997, p. 47). Holt (1997, p. 41) advoga que o colapso da duração das vogais se deveu ao fato de que os contrastes de qualidade da vogal passaram a ser suficientes para distingui-las. Assim, a distinção tão-somente com base na duração passou a ser menos eficiente do que a distinção por meio de altura e tensão.

É sabido que o Latim Clássico possuía consoantes geminadas, como /pp/, /bb/, /ff/, /tt/, /dd/, /ss/, /kk/, /gg/, /mm/, /nn/, /ll/ e /rr/. A geminação não consistia em uma simples marcação ortográfica (como durante muito tempo houve na Língua Portuguesa, por razões de conservadorismo da grafia histórica), mas uma combinação de fonemas semelhantes. Segundo Lausberg (1981, p. 218), as consoantes geminadas eram realizadas nos sons contínuos (/ff/, /ss/, /mm/, /nn/, /ll/ e /rr/) por meio de uma articulação mais prolongada; nos sons oclusivos (/pp/, /bb/, /tt/, /dd/, /kk/ e /gg/), por meio de um retardamento da explosão.


Na TO, a não-preferência por segmentos longos pode ser entendida por intermédio de duas restrições: *LONG-V ou *V_{μμ} (Holt, 1997, p. 43; Crist, 2001, p. 136) e *LONG-C ou *C_μ (Holt, 1997, p. 43; Crist, 2001, p. 137). *V_{μμ} é uma restrição que evita vogais bimoraicas, isto é, vogais longas. *C_μ milita contra a presença de consoantes moraicas, isto é, consoantes geminadas.

Como o Latim Clássico permitia tanto vogais como consoantes curtas, a gramática desta língua deveria apresentar a seguinte hierarquia:


(4)

/VM/ *VMM		MAX-IO	DEP-IO	*CM
a.  [Vμ]				
b. [Vμμ]		*!		*


(5)

/VMM/ *VMM		MAX-IO	DEP-IO	*CM
a. [Vμ]	*!			
b.  [Vμμ]				*

(6)

/C/ *VMM		MAX-IO	DEP-IO	*CM
a.  [C]				
b. [Cμ]		*!	*	

(7)

/CM/ *VMM		MAX-IO	DEP-IO	*CM
a. [C]	*!			
b.  [Cμ]			*	


Como é possível perceber nos tableaux acima (adaptados de Holt, 1997, p. 43), o *status* moraico subjacente das vogais e das consoantes é mantido. Em (4), observa-se que a mora da vogal curta subjacente é

mantida e a adição de uma outra mora é gratuita, o que viola fatalmente a restrição de fidelidade DEP-IO (não insira elementos). Além disto, [V $\mu\mu$] também viola a restrição *V $\mu\mu$. No tableau (5), a vogal longa subjacente se mantém pelo fato de que a restrição de fidelidade MAX-IO está em posição hierarquicamente superior, dominando as restrições de marcação, como se percebe através da linha sólida.

Com relação às consoantes, a situação é praticamente a mesma: visto que consoantes simples não são moraicas. A adição de moras é proibido pela restrição DEP-IO, em posição mais importante na hierarquia [tableaux (6)]. No caso da consoante dupla, a mora subjacente irá aparecer na superfície [tableaux (7)], pois ela apenas viola restrições de marcação, que, no caso em questão, são dominadas pelas restrições de fidelidade.

Com o passar do tempo, o Latim Clássico foi perdendo o contraste entre vogais curtas e longas. Holt (1997, p. 50) sustenta a hipótese de que isto pode ter sido o resultado de uma re-hierarquização das restrições, em que *V $\mu\mu$ é deslocada para o início da hierarquia, dominando MAX-IO e DEP-IO. Desta forma, o tableau (5), mostrado acima, ficaria da seguinte forma [tableaux (8)] no Latim Vulgar:

(8)


/VMM/ *CM	* VMM		MAX-IO	DEP-IO
a.  [V μ]		*		
b. [V $\mu\mu$]	*!			

Em (8), a forma subjacente da vogal longa viola fatalmente *V $\mu\mu$, agora em posição de dominância, que impede a presença de vogais bimoraicas. Desta maneira, o candidato ótimo aparecerá, na superfície, como uma vogal curta.


Após este segundo estágio, em que as vogais longas seriam desfavorecidas, o terceiro passo seria em direção ao desaparecimento das consoantes geminadas, motivo principal desta seção. Ainda seguindo o raciocínio de

Holt (1997, p. 53), este estágio se caracterizaria pelo deslocamento de *C_μ (é proibido consoantes moraicas), para o início da hierarquia, por meio de uma mudança gradual e consistente, que ilustraria o desenvolvimento da língua, desembocando na Língua Portuguesa. Baseado nestas hipóteses, é possível imaginar um tableaux referente ao estágio atual da Língua Portuguesa com relação às vogais e consoantes [tableaux (9) a (12)] e compará-lo com o do Latim Clássico [mostrado em (4) a (7)]:


(9)

/VM/ DEP-IO		*CM	*VMM	MAX-IO
a.  [V _μ]				
b. [V _{μμ}]		*!		*


(10)

/V Ì Ì/ DEP-IO		*CÌ	*VÌ Ì	MAX-IO
a.  [V _μ]			*	
b. [V _{μμ}]		*!		

(11)

/C/ IO		*CM	*VMM	MAX-IO	DEP-
a.  [C]					
b. [C _μ]		*!			*

(12)

/CM/ IO		*CM	*VMM	MAX-IO	DEP-
a.  [C]				*	
b. [C _μ]		*!			

Como é possível perceber pelos tableaux (9) a (12), houve uma inversão do ordenamento das restrições entre o Latim Clássico e o Português. A hipótese proposta aqui é a de que esta inversão deve ter compreendido três estágios distintos: a) um primeiro momento, caracterizado pela hierarquia MAX-IO; DEP-IO >> *V_{μμ}; *C_μ, um estágio em que a língua permitia vogais e consoantes longas; b) um segundo momento do tipo *V_{μμ} >> MAX-IO; DEP-IO >> *C_μ, quando apenas consoantes longas eram permitidas; e c) um último momento, *V_{μμ}; *C_μ >> MAX-IO; DEP-IO, em que vogais e consoantes longas são proibidas.

É possível observar, nestes três estágios distintos, que as restrições de fidelidade (MAX-IO e DEP-IO) são, a cada momento, transferidas para uma posição mais abaixo na hierarquia. Como se poderá perceber, por meio da análise de outros fenômenos diacrônicos, este comportamento será recorrente, o que reforça a idéia de uma conspiração.

A perda do *status* moraico das consoantes longas, no entanto, teve uma seqüência e não ocorreu de maneira imediata para todos os segmentos. Para melhor explicitar o caminho percorrido do Latim Vulgar até o apagamento completo de todas as geminadas da Língua Portuguesa, faz-se necessário ter em mente a escala de sonoridade proposta por Clements (1990, p. 294). Para incorporar esta escala de sonoridade à TO, é preciso propor uma série de subdivisões à restrição *C_μ, subdivisões estas que militem contra o *status* moraico de cada tipo de segmento consonantal. Assim, a concepção da hierarquia de sonoridade dentro da TO, aplicada aos propósitos da queda das geminadas em Português, seria a seguinte:

(13) Escala de sonoridade dentro da TO:

*O_μ >> *N_μ >> *L_μ >> *G_μ >> *V_μ

Cada uma das restrições em (13) evitaria segmentos consonantais moraicos particulares. Assim, *O_μ proibiria obstruintes longas; *N_μ, nasais longas; *L_μ, líquidas; e *G_μ, glides. Esta subdivisão de *C_μ captaria a ideia principal de que obstruintes são as mais desfavorecidas para carregar *status* moraico, seguidas das nasais, e assim por diante.

Holt (1997, p. 57) propõe que o *status* moraico das consoantes seria um embate entre as restrições apresentadas em (13) e MAX-IO, o que corrobora a hipótese apresentada neste artigo. Assim, em línguas que permitissem consoantes moraicas como o Latim Clássico, MAX-IO dominaria todas aquelas restrições. A evolução para o Português seria o resultado da demoção da restrição MAX-IO para um lugar mais baixo na hierarquia. A visualização desta evolução seria a seguinte:


- (14) MAX-IO >> *O_μ; *N_μ; *L_μ; *G_μ (Latim Classico)
 - (15) *O_μ >> MAX-IO >> *N_μ; *L_μ; *G_μ (Latim Vulgar)
 - (16) *O_μ; *N_μ >> MAX-IO >> *L_μ; *G_μ (Latim Vulgar)
 - (17) *O_μ; *N_μ; *L_μ >> MAX-IO >> *G_μ (Latim Vulgar)
 - (18) *O_μ; *N_μ; *L_μ; *G_μ >> MAX-IO (Português)
- (adaptado de HOLT, 1997, p. 58)

Portanto, o apagamento das geminadas deve ter sido um processo lento e gradual, cujo primeiro passo foi o desaparecimento das geminadas menos soantes, isto é, das geminadas obstruintes. É possível observar esta evolução a partir de exemplos concretos do Latim Clássico:

- (19)
- pp- SUPPA > sopa
- tt- CATTUS > gato
- kk- BUCCA > boca
- bb- ABBATE > abade
- dd- ADDITIONE > adição
- gg- AGGREDIRE > agredir
- ff- OFFICINA > oficina

Neste estágio da evolução, o que deve ter acontecido foi o deslocamento da restrição *O_μ para o início da hierarquia, dominando as outras restrições:


(20)

/BUCCA/	*OÏ	MAX-IO	*NÏ; *LÏ; *GÏ
a. [bucca]	*!		
b.  [buca]		*	


Em (20), a geminada na subjacência é realizada como consoante curta na superfície, pois esta é considerada a forma ótima pela hierarquia das restrições. A forma [bucca] viola fatalmente *Oμ que, neste estágio da evolução, está em posição de dominância. Embora [buca] viole MAX-IO, esta restrição de fidelidade já não é tão importante como no estágio anterior da evolução, o Latim Clássico.

O próximo passo na redução das geminadas deve ter ocorrido entre os séculos X e XI (Holt, 1997, p. 91). Houve, então, uma nova re-hieraquização das restrições, demovendo MAX-IO para uma posição ainda mais abaixo na hierarquia. Como consequência do reajuste de *Nμ e de *Lμ, as nasais e laterais perderam sua capacidade de carregar mora e sua quantidade foi afetada. Assim:

(21)

/CABALLU/	*OM; *NM; *LM	MAX-IO
a. [caballu]	*!	
b.  [cabalu] > cavalo		*

(22)

/ANNU/	*OM; *NM; *LM	MAX-IO
a. [annu]	*!	
b.  [anu] > ano		*

Nos tableaux (21) e (22), as formas de superfície já não possuem mais consoantes morais, pois *Oμ, *Nμ e *Lμ estão em posição de dominância com relação a MAX-IO e proíbem a permanência do *status*

moraico das consoantes. Outros exemplos na evolução do Latim Clássico para o Português:

(23)

-mm-	FLAMMA > chama COMMUNE > comum
-nn-	PANNU > pano POENNA > pena
-ll-	CASTELLU > castelo GRILLU > grilo
-rr-	FERRU > ferro ¹ TURRE > torre

Com este estágio, a demção de MAX-IO com relação a *C_μ (*O_μ, *N_μ e *L_μ) fica completa, isto é, o Português, neste estágio, já não admite mais consoantes longas ou geminadas, possuindo unicamente um inventário de consoantes curtas e não-moraicas. Em Português, apenas as vogais podem ser moraicas.

4. Maior restrição a coda silábica

Um outro argumento a favor da simplificação da estrutura silábica na evolução do Latim para o Português se refere a maior restrição a coda silábica. De fato, o Latim Clássico permitia quase todas as consoantes travando sílaba. Já no Português, o inventário, na posição de coda silábica, é bem mais restrito, limitando-se a /S/, /L/, /R/, /N/ e glides. São exemplos deste processo:

(24)

-pt- (travamento com /p/)	SEPTE > sete OPTIMU > ótimo SCRIPTUS > escrito
---------------------------	------------------------------------------------------

-ps- (travamento com /p/)	GYPSU > gesso
-t-	CAPUT > cabo
	FECIT > fez
-d-	AD > a
-k-	HIC > aqui

Lausberg (1981, p. 226) afirma que o Latim Vulgar já tinha a tendência de evitar a consonância em final de palavra e de fazer terminar as palavras, sonoramente, em vogal. O autor denomina esta tendência de *horror vacui*, isto é, um receio por posições vagas. Essa tendência à queda das codas acentou-se na evolução para o Português, desembocando em um sistema que permite tão-somente quatro travamentos silábicos.

A maneira mais recorrente de se abordar a maior restrição a coda dentro dos pressupostos teóricos da TO é valendo-se da restrição NoCODA. Esta restrição foi proposta, pela primeira vez, por Prince & Smolensky (1993, p. 34) como –COD, e reformulada por McCarthy & Prince (1993, p. 11). Ela evita a formação de sílabas travadas, corroborando a hipótese de que a sílaba ótima é formada apenas por ataque e núcleo. Crist (2001, p. 171) utiliza-se desta restrição para propor uma explicação para a conspiração pela sílaba aberta do eslavo. Para o autor, na evolução do eslavo, houve um reordenamento das restrições da seguinte forma:


(25)

Pré-proto-eslavo: MAX-IO >> NoCODA

Proto-eslavo: NoCODA >> MAX-IO


Para ilustrar esta evolução, ele apresenta o seguinte tableaux:

(26)

/PLEKTO/	NOCODA	MAX-IO
a. [plek.to]	*!	
b.  [ple.to]		*

A hipótese aventada neste artigo é a de que um processo semelhante ocorreu na evolução do Latim Clássico para o Português, na direção de proibir sílabas fechadas. A gramática do Latim Clássico, referente ao travamento silábico, seria a seguinte:


(27)

/CAPUT/	MAX-IO	NOCODA
a.  [ca.put]		*
b. [ca.pu]	*!	

Em (27), [caput] viola NoCODA, porém ainda é considerada a forma ótima, pois não a contradiz de maneira fatal. [caput] é eliminado da disputa por violar a restrição de fidelidade, que está em posição de dominância.

Na evolução para o Português, parece ter havido uma re-hierarquização das restrições, com a demissão de MAX-IO, para uma posição abaixo na hierarquia (semelhante ao processo de apagamento das geminadas), produzindo uma gramática do tipo:

(28)

/CAPUT/	NOCODA	MAX-IO
a. [ca.put]	*!	
b.  [ca.pu]		*


Em (28), o estágio da língua promoveu NoCODA (demovendo, em consequência, MAX-IO) para uma posição acima na hierarquia, o que impossibilita o sucesso de [caput].

Há, no entanto, dois problemas neste tipo de análise que devem ser considerados mais adiante: a) o fato de a Língua Portuguesa ainda permitir certos tipos de coda silábica, nomeadamente /S/, /L/, /R/, /N/ e glides; e b) o fato de algumas codas do Latim para o Português não terem sido completamente eliminadas, e, sim, modificadas, como é o caso de OCTO > oito.


Para eliminar o primeiro problema, faz-se necessário lançar mão de um subtipo da restrição NoCODA, que seja menos abrangente: CODACond(ITION). Esta restrição foi inicialmente proposta por Prince & Smolensky (1993, p. 109). Analisando os exemplos de coda silábica na língua Lardil, os autores chegaram à conclusão de que seria impossível explicar certos fenômenos particulares daquele idioma sem proporem uma nova restrição que licenciasse certos tipos de segmentos naquela posição. Desta forma, propuseram CODACond que, no caso do Lardil, permite consoantes coronais e consoantes que tenham o mesmo ponto de articulação com outras consoantes. CODACond é uma restrição que é ajustada de acordo com as regras fonotáticas de cada língua. Desta forma, para o caso específico do Português, ela irá licenciar, em posição de coda silábica, segmentos do tipo /R/, /S/, /L/, /N/ e glides.

Com esta nova restrição, é possível entender como alguns segmentos em coda silábica do Latim continuaram a existir no Português moderno. Nos tableaux (29) e (30), é possível observar duas palavras latinas e suas respectivas evoluções para a Língua Portuguesa:

(29)

/AD/> A	CODACond	MAX-IO
a. [ad]	*!	
b.  [a]		*

(30)

/LOCUSTA/> LAGOSTA	CODACond	MAX-IO
a.  [lo.cus.ta]		
b. [lo.cu.ta]		*!

Em (29), o vocábulo latino /ad/ é realizado, na superfície, como [a], pois a hierarquia da gramática do Português proíbe codas com obstruintes. Desta maneira, apesar de violar MAX-IO, ela ainda é considerada sua forma ótima, pois o outro candidato viola fatalmente CODACond, melhor posicionada na hierarquia.

Em (30), [locusta] é o candidato ótimo, pois a Língua Portuguesa permite este tipo de fricativa em posição de coda. Neste tableaux, é possível perceber que MAX-IO tem um papel primordial na escolha do melhor candidato, visto que nenhuma das formas viola CODA COND. A escolha entre elas se dá tão-somente porque [lo.cu.ta] viola fatalmente a restrição de fidelidade.

O outro problema a ser considerado nesta análise é um pouco mais complexo. Diz respeito a certos vocábulos que, ao invés de perderem sua coda, na evolução para o Português, modificaram-na para outro tipo de segmento, como:

(31)

OCTO > oito

NOCTE > noite

LACTE > leite


STRICTU > estreito

A hipótese sustentada aqui parte de uma idéia de Holt (1997, p. 65). Segundo o autor, a promoção de $*C_{\mu}$ na hierarquia das restrições e a conseqüente queda do *status* moraico das obstruintes geminadas também afetou alguns tipos de grupos consonantais, principalmente /kt/, /ks/ e /gn/. Visto que a geminadas /kk/ e /gg/ passaram a /k/ e /g/, era possível esperar que os grupos perdessem suas obstruintes. O que ocorreu, no entanto, foi o fato de que elas foram vocalizadas como /j/.

Para Holt (1997, p. 67), há uma solução para este fenômeno: subdividir a restrição $*O_{\mu}$ em duas sub-restrições. Como as obstruintes são [+consonantal] e [-soante], seria possível propor duas restrições $*[-soante]_{\mu}$ (que proibiria segmentos [-soantes] moraicos) e $*[+consonantal]_{\mu}$ (que militaría contra segmentos consonantais moraicos). Além destas restrições, seria necessário utilizar-se de uma nova restrição de fidelidade: IDENT-IO-[F]. IDENT-IO-[F] obriga a que os segmentos do *input* e do *output* tenham valores idênticos em relação a determinado traço fonológico. No caso em questão aqui, os traços seriam [+consonantal, -soante]. Esta restrição foi primeiramente proposta por McCarthy & Prince (1995, p. 16).

Explicitadas as restrições, já é possível propor um tableaux para a evolução de palavras do tipo OCTO > oito, em (32):

(32)

/OK.TO/	*[-SOANTE]M	MAX-IO	IDENT-IO	*[+CONSONANTAL]M
a. [ok.to]	*!			*
b.  [oj.to]			**	
c. [o.to]		*!		

Em (32), o candidato [ok.to] é eliminado da disputa por violar fatalmente *[-soante]_μ. O candidato [o.to] viola MAX-IO que, embora tenha sido demovido para uma posição mais abaixo na hierarquia, ainda domina IDENT-IO. Só resta o candidato [oj.to] que, apesar de violar duas vezes IDENT-IO (por ser [-consonantal, +soante]), não a viola de maneira fatal.

5. Redução de grupos consonantais

Um último fenômeno diacrônico a ser considerado neste trabalho diz respeito ao apagamento de alguns grupos consonantais, nomeadamente os formados por consoante desvozeada e /l/. Como é possível observar em (33), grupos formados por /k, p, f/ e /l/ sofreram uma simplificação na evolução para a Língua Portuguesa:

(33)

-kl-	CLAVE > šave CLAMARE > šamar ²
-pl-	PLUVIA > šuva PLORARE > šorar PLAGA > šaga ³
-fl-	FLAMMA > šama FLAGARE > šeirar ⁴

Alguns autores já abordaram, de distintas maneiras, a transformação do grupo consonantal /k, p, f/ + /l/ para o /š/ na Língua Portuguesa. Williams (1961, p. 75), por exemplo, acredita que o desenvolvimento para o Português seguiu um processo do tipo:

(34)

(/k,p,f/ + /l/) > (/k,p,f/ + /j/) > (tš) > (š)

Assim:

(35)

[klave] > [kjave] > [tšave] > [šave]

Holt (1997, p. 118), apoiado em estudos de Bourciez (1967) e Lloyd (1987) e em dados empíricos do Aragonês, propõe uma evolução diferente, que será a adotada neste trabalho:

(36)

(/k,p,f/ + /l/) > (/k,p,f/ + /λ/) > (tš) > (š)

Holt propõe que o primeiro estágio na evolução foi uma assimilação regressiva do /l/ com o /k/. Segundo o autor, o /l/ começou a ser pronunciado mais perto da região velar, por influência do /k/ e, conseqüentemente, um som palatal foi surgindo: /kl/ > /kλ/. O segundo estágio, nesta evolução, foi o fato de /pl/ e /fl/ tornarem-se /pλ/ e /fλ/, por influência de /kλ/.

Assim:

(37)

AURICULA > [orekλa]	‘orelha’
OVICULA > [ovekλa]	‘ovelha’
OCULO > [okλo]	‘olho’


O terceiro movimento proposto, nesta evolução, é o da simplificação dos grupos consonantais (kλ, pλ, fλ > λ), simbolizado dentro do

arcabouço teórico da TO, por intermédio da restrição *COMPLEX-ONS(ET). Esta restrição, proposta por Prince & Smolensky (1993, p. 96), evita a formação de grupos complexos no ataque silábico. Entre outras evidências da tendência, para simplificar ataques complexos na Língua Portuguesa, é possível citar:

- (a) a simplificação de /kλ/ em posição intervocálica:
AURICULA > [orekλa] > [oreλa];
- (b) a simplificação de /gλ/ em posição intervocálica:
COAGULU > [koagλo] > [koaλo];
- (c) a simplificação de /kλ/ em posição inicial:
CLAMARE > [kλamar] > [š];
- (d) a simplificação de /bl/ e /gl/: FABULARE > [fablare] > [falar]; GLATTIRE > [latir].

Dentro da TO, essa evolução da perda dos grupos consonantais pode ser explicada pela demoção de MAX-IO, para uma posição mais baixa na hierarquia. Assim, a evolução se deu exatamente da mesma forma que a maior restrição a coda silábica e a queda das geminadas: com a demoção desta restrição de fidelidade. O tableaux (38) ilustra a evolução sob a ótica da TO:

(38)

/O.KλO/ > O.λO	*COMPLEX-ONS	MAX-IO (SOANTE)	MAX-IO (OBSTRUINTE)
a. [o.kλo]	*!		
b.  [o.λo]			*
c. [o.ko]		*!	

Em (38), foi necessário subdividir MAX-IO em duas restrições: MAX-IO (SOANTE), que impede o apagamento de segmentos soantes; e MAX-IO (OBSTRUINTE), que impede o apagamento de obstruintes. Pela posição

na hierarquia destas duas restrições (com MAX-IO (SOANTE) dominando MAX-IO (OBSTRUINTE)), é possível escolher o candidato ótimo. Assim, é preferível apagar um segmento obstruinte a um segmento soante. Também é possível observar no tableau que MAX-IO foi demovido mais uma vez (e em um outro fenômeno diacrônico distinto) para uma posição mais abaixo na hierarquia de restrições, o que corrobora a hipótese de que alguns processos na evolução do Latim para o Português (e que culminaram na redução e simplificação de estruturas silábicas) resultaram da demissão de MAX-IO na hierarquia de restrições.

No entanto, esta evolução mostrada acima ainda não explica como, em algumas posições, o Português evoluiu do estágio $\lambda > \check{s}$. Ainda segundo Holt (1997, p. 139), em determinadas posições, sobretudo quando $k\lambda$, $p\lambda$ e $f\lambda$ eram precedidos de nasal, o apagamento das obstruintes era muito custoso, pois afetaria tanto a obstruinte em si como a nasal precedente, e o que aconteceu foi uma crescente palatalização do λ . Este segmento palatal soaria muito similar a um outro segmento palatal desvozeado /š/ e, quando seguido de uma consoante desvozeada, seria acusticamente semelhante a [tš].


A quarta etapa desta evolução seria a reinterpretação da palatalização de λ como a africada [tš], assim:

(39)

/mank λ a/ > [mantša] ‘mancha’

Na última etapa do processo, há novamente uma demissão de MAX-IO na hierarquia de restrições, que culminará em formas como ‘manša’, ‘šama’, ‘šave’, ‘inšar’, dentre outras. Em (40), pode-se observar este ordenamento:

(40)

/TŠAMA/	*COMPLEX-ONS	MAX-IO
a.  [šama]		*
b. [tšama]	*!	

Em (40), [šama] é o candidato ótimo, pois não viola *COMPLEX-ONS, que está em posição mais acima na hierarquia. Novamente, neste fenômeno diacrônico, a restrição MAX-IO foi demovida de sua posição original, o que inviabiliza a escolha de [tšama].

6. Considerações finais

A investigação que resultou no presente trabalho possibilitou mostrar que um modelo fonológico baseado em restrições, em particular a Teoria da Otimalidade, pode contribuir significativamente para o entendimento das mudanças diacrônicas da Língua Portuguesa. Além disto, a análise por meio da TO também evidencia que o processo de mudança lingüística, ao longo da evolução de um idioma, pode ser encarado como um reordenamento na hierarquia de suas restrições.

O principal objetivo deste trabalho foi mostrar que parece existir uma tendência, no PB, a simplificar estruturas silábicas, por meio de fenômenos fonológicos aparentemente distintos, o que caracterizaria uma conspiração (conforme denominado na literatura específica).

Observou-se que os três fenômenos apresentam, dentro da TO, uma explicação em comum: a demoção da restrição MAX-IO para uma posição inferior na hierarquia das restrições. Além disso, todos estes fenômenos caminham para uma simplificação do padrão silábico, corroborando a hipótese prevista neste trabalho.

Em se tratando do apagamento das consoantes geminadas na evolução do Latim Clássico para a Língua Portuguesa, observou-se que a perda do *status* moraico das consoantes longas foi o resultado do deslocamento da restrição MAX-IO para uma posição inferior na hierarquia de restrições. Com isto, a Língua Portuguesa passou a admitir que apenas as vogais pudessem carregar *status* moraico. Com o apagamento das consoantes geminadas, a estrutura silábica do Português foi conseqüentemente simplificada.

Em relação à questão da maior restrição a coda silábica por parte da Língua Portuguesa, observou-se que o Latim Clássico permitia quase

todas as consoantes travando sílaba, enquanto que o Português, nesta posição, só admite /S/, /L/, /R/, /N/ e os glides. A análise por meio da TO revelou que novamente a demoção de MAX-IO foi responsável pela reestruturação da língua, assumindo uma posição mais conservadora em relação a coda. Assim, o novo estágio do idioma promoveu CODA COND e removeu MAX-IO, produzindo uma gramática do tipo CODA COND >> MAX-IO. Isto acarretou novamente em uma simplificação da estrutura silábica.

O último fenômeno diacrônico foi a redução de grupos consonantais, mais especificadamente /k, p, f/ + /l/. Como visto, o deslocamento de MAX-IO para uma posição inferior a *COMPLEX-ONS acarretou a simplificação dos grupos consonantais.

Assim, três fenômenos diacrônicos aparentemente distintos produzem resultados semelhantes, por meio de um processo idêntico: a demoção de MAX-IO:

(41)

	<i>Input → Output</i>	<i>Input → Output</i>	Processo
Apagamento das geminadas	/-kk-/ → /-k-/	Simplificação da estrutura silábica	Demoção de MAX-IO
Maior restrição à coda	/caput/ → /cabo/	Simplificação da estrutura silábica	Demoção de MAX-IO
Redução de grupos consonantais	/clave/ → /šave/	Simplificação da estrutura silábica	Demoção de MAX-IO

A proposta apresentada não exclui a possibilidade de haver outras forças, dentro do próprio sistema do PB, contra a conspiração por padrões silábicos não marcados. Como é sabido, os sistemas lingüísticos são imbuídos de forças opostas (centrífugas e centrípetas, por assim dizer), em um estado de constante equilíbrio. A amostra utilizada aqui se restringiu a apenas três fenômenos e, certamente, muitos fenômenos importantes deixaram de ser tratados, embora um panorama geral tenha começado a ser esboçado.

Notas

- 1 Não confundir a grafia “rr” em Português com uma consoante geminada. Neste caso, trata-se tão-somente de uma convenção gráfica para um único fonema.
- 2 Em palavras eruditas, o –kl– permaneceu inalterado: CLIMA > clima; CLARU > claro; CLASSE > classe (Williams, 1961, p. 74).
- 3 Em palavras eruditas, o –pl– permaneceu inalterado ou foi restaurado: PLUMA > pluma; PLANTARE > plantar (Williams, 1961, p. 75).
- 4 Em palavras eruditas, o –fl– permaneceu inalterado ou foi restaurado: FLAUU > flavo; FLORE > flor; FLUIDU > fluido (Williams, 1961, p. 74).

Referências bibliográficas

BOURCIEZ, Edouard. *Eléments de linguistique romane*. 5. ed. Paris: Klincksieck, 1967.

CÂMARA Jr., Joaquim Mattoso. *Estrutura da Língua Portuguesa*. 26. ed. Petrópolis: Vozes, 1997.

CLEMENTS, George N. The role of the sonority cycle in core syllabification. In: KINGSTON, J.; BECKMAN, M. (Orgs.). *Papers in Laboratory Phonology I*. Cambridge: CUP, 1990. p. 283-333.

CRIST, Sean Jacob. *Conspiracy in historical phonology*. Tese (Doutorado em Lingüística) - University of Pennsylvania, Philadelphia, Pennsylvania, 2001.

FREYRE, Gilberto. *Casa Grande e Senzala*. Rio de Janeiro: Record, 1990.

HOLT, David Eric. *The role of the listener in the historical phonology of Spanish and Portuguese: an optimality-theoretic account*. Tese (Doutorado em Lingüística). Georgetown University. Washington, D.C. , 1997.

JAKOBSON, Roman. *Remarques sur l'évolution phonologique du russe compare à celle des autres langues slaves*. *Travaux du Cercle Linguistique de Prague*, [s.l.], *Selected Writings* (reimpressão), v. 1, 1929.

KISSEBERTH, Charles. *On the Functional Unity of Phonological Rules - Linguistic Inquiry 1*, [s.l.], p. 291-306, 1970.

LABOV, William. *The Social Stratification of English in New York City*. Washington, DC: Center of Applied Linguistics, 1966.

LAUSBERG, Heinrich. *Lingüística românica*. 2. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1981.

LLOYD, Paul M. *From Latin to Spanish*. Philadelphia: American Philosophical Society, 1987.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. *O Português arcaico: fonologia*. São Paulo: Contexto, 1996.

McCarthy, John. *A thematic guide to Optimality Theory*. Cambridge: Cambridge University Press.

_____. Faithfulness and reduplicative identity. In: BECKMAN; WALSH, D.; URBANCZYK. Disponível em: <<http://rucss.rutgers.edu/roa.htm>>. Acesso em: 1995. (ROA – Rutgers Optimality Archive)

_____; John; PRINCE, Alan. *Prosodic Morphology I: Constraint Interaction and Satisfaction*. Massachusetts: University of Massachusetts, Amherst and Rutgers University, 1993. Disponível em: <<http://rucss.rutgers.edu/roa.htm>>. (ROA – Rutgers Optimality Archive)

PRINCE, A.; SMOLENSKY, P. *Optimality Theory: Constraint Interaction in Generative Grammar*. [S.l.]: Rutgers University, 1993. Disponível em: <<http://rucss.rutgers.edu/roa.htm>>. (ROA – Rutgers Optimality Archive)

SAID ALI, M. *Gramática histórica da Língua Portuguesa*. São Paulo: Melhoramentos, 1965.

TEYSSIER, Paul. *História da Língua Portuguesa*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

WILLIAMS, Edwin B. *Do Latim ao Português*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1961.

